A parábola do pobre Lázaro e o rico avarento: um apelo social em Lc 16,19-31?

Antonio Wauleson Pereira[1]

Resumo
O tema da riqueza e pobreza é muito caro ao autor do terceiro evangelho. Em vários momentos, Lucas coloca o apelo à pobreza como uma das exigências fundamentais para o discipulado de Jesus. A proposta deste trabalho é realizar uma leitura da parábola do pobre Lázaro e o homem rico em Lc 16,19-31 na perspectiva de um apelo social. Para tanto, o desenvolvimento do tema proposto dá-se a partir de uma revisão bibliográfica de autores que se dedicam ao estudo do terceiro evangelho. O estudo mostra a profundidade e a atualidade da mensagem presente na parábola.

Palavras chave: Pobreza. Apelo Social. Atualidade. Discipulado.

Introdução

A parábola do pobre Lázaro e o homem rico é um texto que somente se encontra no Evangelho de Lucas e usa imagens fortes sobre a realidade de descaso e de abandono a qual os pobres como Lázaro sofrem, em virtude da indiferença dos ricos. Essa parábola trata de um tema que é muito discutido pelo autor do terceiro evangelho: a questão da riqueza e da pobreza.

Por isso, neste trabalho busca-se ler a parábola numa perspectiva social, a fim de desvelar a mensagem de justiça que o evangelista quer transmitir. Apesar de a parábola falar de uma realidade escatológica, sobre a impossibilidade de se "salvar" após a morte, ela abre espaço para uma interpretação que leva a uma ação concreta no tempo presente, de justiça e de cuidado com os pobres.

Nesse sentido, num primeiro momento, faz-se uma contextualização da parábola no evangelho de Lucas; depois, uma leitura do próprio texto na intenção de perceber a mensagem social da narrativa; e, por último, um desvelamento da

[1] Licenciado em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), bolsista PROSUP/CAPES. E-mail: awpantonio12@gmail.com

mensagem teológica do texto, ou seja, o que se pode aprender sobre a compreensão de Deus e sua maneira de agir a partir dessa parábola.

1 Contexto da parábola no Evangelho de Lucas

O Evangelho de Lucas é um dos que está mais preocupado com o tema da riqueza e pobreza. Já na oração do Pai-Nosso Jesus ensina a pedir somente o pão necessário para cada dia (Lc 11,3); ainda adverte contra a ganância, pois mesmo que alguém possua muitos bens, sua vida não depende deles, além de que é preciso ser rico diante de Deus e não acumular tesouros para si (Lc 12,13-21). Quem não renuncia a todas as suas posses não pode ser discípulo de Jesus (Lc 14,33).

A parábola do rico e o pobre Lázaro situa-se no contexto em que Jesus está a caminho de Jerusalém (Lc 9,51–19,27). No percurso, o mestre fala sobre os temas mais importantes para a formação do discipulado. Entre esses temas, a riqueza ocupa um lugar de destaque, e figura como algo que é impedimento para o seguimento fidedigno a Jesus. O verdadeiro discípulo não deve estar apegado a nenhum tipo de bem material, e tampouco pode faltar com a solidariedade aos mais necessitados.

Além disso, o tema da riqueza e pobreza, com inversão de destinos é caro ao autor lucano. Já no Magnificat isso é anunciado (Lc 1,46-55); nas bem-aventuranças, seguidas dos "ais" também (Lc 6,20-26). Inspirado em seu material próprio, Lucas recorda os perigos da riqueza e o ideal cristão da renúncia (Lc 12,33-34; 14,33); ainda constam uma parábola cujo personagem é um rico insensato que encontra a precariedade de sua vida (Lc 12,16-21) (BOVON, 2004, p. 143).

Assim, essa parábola situada no capítulo dezesseis do Evangelho de Lucas é um texto, dentre outros de semelhante temática, que remonta a Jesus e resulta em um processo posterior de elaboração, como a alusão à ressurreição dos mortos nos últimos versículos do texto, ressureição esta que era negada pelos judeus[2] (GÓMEZ ACEBO, 2008, p. 452). Já no próprio capítulo dezesseis, a perícope a qual se

[2] Aqui é preciso levar em consideração que alguns grupos do judaísmo, como por exemplo, os fariseus, esperavam uma ressureição somente no último dia por ocasião do juízo final. Nesse momento uns ressuscitariam e outros seriam condenados. Assim a Ressureição na modalidade da de Jesus, que é apresentada na parábola, é totalmente inesperada e fora dos esquemas judaicos.

faz a interpretação neste trabalho, está precedida da parábola do administrador infiel e da polêmica de Jesus com os fariseus, que são como diz o texto, amigos do dinheiro (Lc 16,14).

2 Leitura da parábola do pobre Lázaro e o rico em Lc 16,19-31

Podemos dividir a parábola em três partes principais: a primeira é a descrição da situação dos personagens na vida presente (vv[3]. 19-21); a segunda a inversão das situações depois da morte (vv. 22-26) e a terceira o pedido do rico para que Lázaro seja enviado a seus irmãos para alertar sobre a necessidade de conversão (vv. 27-31).

Na primeira parte destaca-se a situação dos dois personagens: o pobre Lázaro e o rico. O primeiro personagem a ser apresentado é o homem rico. Ele não tem nome e se destaca por sua riqueza. Vestia-se de púrpura e linho fino, e a cada dia se banqueteava com requinte (v. 19). Segundo Bovon (2004, p. 150-151), na literatura rabínica a purpura se reserva para os reis e para Deus; no império romano e bizantino é um privilégio dos imperadores. Sobre o fato de se banquetear com requinte, Gougues (2005, p. 156) afirma que não se trata de exageros excepcionais dos grandes dias, como em Lucas 15 onde o pai mata o novilho para celebrar a chegada do filho, mas de suntuosidades cotidianas.

Dessa forma, constatamos que o modo de vida do rico é regado a muito luxo e esbanjamento, uma vez que celebra festas todos os dias. Esse estilo de vida era impossível para a maioria da população, que vivia em níveis precários de subsistência.

Sobre o outro personagem, que dessa vez tem um nome próprio. "[...] um pobre chamado Lázaro, Jazia a sua porta, coberto de úlceras" (v. 20). Para Acebo (2008, p. 454), o verbo que descreve a postura de Lázaro está na voz passiva, o que faz pensar que o pobre era aleijado e que foram outras pessoas que o colocaram ali. A posição do pobre homem fazia com que seu corpo fosse coberto de feridas; feridas que contrastavam com as roupas do rico. Tinha também o desejo de saciar-

[3] O símbolo "vv." significa versículos.

se com o que sobrava da mesa de seu vizinho (v. 21a), uma possível referência ao pão que se utilizava para limpar as mãos das manchas de comida e que se jogava fora. Ali comiam os cachorros domésticos (v. 21b).

Ademais, à ostentação do rico corresponde a insatisfação e a fome do pobre, o que recorda a situação do filho pródigo, que também desejava saciar-se (Lc 15,16), e a imagem utilizada pela mulher sírio-fenícia (Mt 15,27) "pois os cachorros comem as migalhas que caem da mesa de seus donos (BOVON, 2004, p. 153-154).

Até este momento, pudemos apreender a situação do rico e do pobre Lázaro. Nesta vida presente as suas realidades, como vimos anteriormente, são marcadas por fortes contrastes: riqueza e grandes festas por parte do rico; miséria, fome, invalidez por parte de Lázaro. Uma situação clara de injustiça.

À descrição da vida presente dos dois personagens, segue-se à situação depois da morte. Ambos morrem e agora os destinos são completamente transformados. Nesse momento, o primeiro a ser mencionado é Lázaro, o que já indica que as prioridades haviam se invertido (v 22). A expressão "e sucedeu" precede o breve relato que narra o trecho e serve para dizer que a história não acabou com a morte (GÓMEZ ACEBO, 2008, p. 454).

O lugar do pobre agora corresponde ao que é reservado aos justos (BOVON, 2004, p. 155). O início dessa segunda parte da parábola já prenuncia a inversão total de situações no além e, pelo que se seguirá, será reafirmado ainda mais a condição desfavorável do rico, e a condição de bonança do pobre Lázaro. Quem outrora esbanjava agora se verá privado de tudo, e quem sofria recebe a consolação.

Desde a sepultura, o rico chega à morada dos mortos, igualmente a Lázaro. Porém sozinho, num lugar diferente, o rico se vê consumido em tormentos. Levanta os olhos na esperança de obter um alívio e vê então a figura de Lázaro (v. 23): o espetáculo suscita sua inveja, desperta sua culpa e sugere uma ideia. O texto precisa o que o rico vê desde longe, pois as estadias dos mortos são imensas e os compartimentos estão longe uns dos outros (BOVON, 2004, p. 156-157). Aparece agora a situação do rico: está em tormentos e sofre. Tenta amenizar sua situação de sofrimento. É aqui que irá se iniciar o diálogo entre o rico, e Abraão.

Apesar de tudo isso, é preciso considerar que o autor não quer, em primeira

instância, oferecer informações seguras sobre o além, ou sobre a geografia escatológica, as moradas dos ímpios e dos justos. O que se faz aqui é recorrer a um relato simbólico, a fim de destacar o risco fatal da riqueza, que fecha o homem aos outros e ao futuro, abrindo a visão para além da morte. Mas, para descrever a situação dos dois personagens no além, recorre-se a imagens e representações imaginárias conhecidas na tradição bíblica e judaica daquele tempo (FABRIS E MAGGIONI 1992, p. 168-1669).

Estando nessa situação de sofrimento, o rico se dirige a Abraão para lhe fazer um pedido. Pede que Lázaro seja enviado a seus irmãos para adverti-los sobre o risco de terem o mesmo destino que o seu. Conforme ressalta Gómez Acebo (2008, p. 455), um detalhe importante é que o rico conhecia o nome de Lázaro, o que demonstra que ele era consciente do que ele sofreu em vida, agravando ainda mais a sua culpa. Se o rico era conhecedor da situação miserável do pobre, isso caracteriza uma atitude de completa indiferença e falta de sensibilidade à dor do outro que sofre.

Nesse sentido, o pecado do rico foi negar e arrepender-se. Ele era consciente da situação de Lázaro, mesmo assim não tomou atitude nenhuma para intervir em favor do pobre. O erro do rico era a ausência de partilha, a negligência pelo outro em necessidade (GOUGUES, 2005, p. 165). Toda a vida do rico consistiu em se distanciar do pobre, mesmo sabendo do seu sofrimento, foi incapaz de sentir compaixão, de sensibilizar-se com a dor do próximo. Então ele é comparado ao levita e ao sacerdote da parábola do capítulo quinze que olharam e passaram adiante (Lc 15,31-32).

Na última parte da parábola, tendo se convencido de que sua sorte não iria mudar, o rico faz um pedido a Abraão. Suplica pelos seus cinco irmãos que ainda estão vivos (v. 27-28). Esses cinco irmãos são possivelmente homens jovens que ainda não são casados e vivem com seu pai sem ter repartido os bens. Pode ser que ele seja o irmão mais velho, que no judaísmo tinha a obrigação de instruir os irmãos mais novos na Torá. Estes novos personagens se introduzem no relato para que os leitores possam se identificar com eles, especialmente os ricos da comunidade lucana (GÓMEZ ACEBO, 2008, p. 456).

A resposta de Abraão é que eles têm Moisés e os profetas e devem escutá-

los (v. 29). Mas o rico ainda replica afirmando que a conversão depende de um sinal prodigioso, que alguém dentre os mortos deve se manifestar (v. 30). O rico fala baseado em sua própria experiência, uma vez que em todo o seu tempo na terra não foi capaz de ouvir o ensinamento de Deus contido na Torá e não se converteu.

Os últimos versículos do texto (vv. 30-31) parecem ter sido adicionados por Lucas com base no fracasso da proclamação cristã a Israel: nem sequer a ressurreição de Jesus conseguiu o arrependimento e a conversão do povo eleito. Mediada pela palavra humana, a proclamação do Evangelho, a ressurreição de Jesus não convence pela força da evidência ou por restrição intrínseca do milagre. Do mesmo modo como é necessária a obediência livre à Lei, é preciso também assumir o risco da conversão e da fé. Jesus ressuscitado só é acessível pelo Querigma, e é a fé e não a visão material que aceita ou rejeita (BOVON, 2004, p. 161).

Como Colavecchio (2013, p. 92), concordamos que o fim desta parábola é impressionante, uma vez que Jesus reconhece aqui a força determinante que o prazer e a ganância têm sobre as pessoas: "nem mesmo que alguém ressuscite dos mortos se converterão". Em tom dramático, o texto nos diz que a riqueza material exerce um poder sem precedentes sobre as pessoas, e aquelas que se apegam a elas, dificilmente entrarão na lógica da gratuidade do Reino, já que não se abrem à conversão.

3 Mensagem teológica da parábola

A parábola revela a compreensão do Evangelista acerca de Deus e, ao mesmo tempo, revela o conteúdo do ensinamento divino para a vida da comunidade lucana, naquele contexto, como também para a práxis cristã de todos os tempos e de cada seguidor de Jesus Cristo em particular.

O projeto de amor de Deus supunha condições de abundância de vida para todos (Gn 2,8-17). Se Lázaro jaz com fome, sede, sofrendo com suas úlceras, enquanto o rico esbanjava em luxo, há uma distorção no plano da vontade de Deus. O que podemos dizer é que assim como no início, é o pecado que distorce a verdadeira realidade, e nesse caso o pecado da injustiça. Logo vemos que as coisas tais como estão não são, em hipótese alguma, determinadas, ou queridas por Deus.

Tanto isso é verdade que na segunda parte da parábola ocorre a inversão das situações antes da morte. Inversão essa, que como já acenamos faz parte do ensinamento do Evangelho de Lucas. Segundo o evangelista é próprio do agir de Deus transformar a situação dos que ora sofrem. Maria cantou isso no Magnificat: "depôs os poderosos de seus tronos, e aos humildes exaltou, cumulou de bens os famintos e despediu de mãos vazias os ricos" (Lc 1,52-53). Assim como também falou Jesus nas bem-aventuranças: "Felizes vós os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Felizes vós que agora tendes fome, porque sereis saciados. Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes vossa consolação" (Lc 20-21.24) (GOUGUES, 2005, p. 163).

Dessa forma, encontramos na parábola um ensinamento teológico que fala de Deus e de sua maneira de agir com os seres humanos. A felicidade que Deus oferece não faz distinção entre as pessoas, e os pobres e famintos não só não estão excluídos da salvação, como tem prioridade. O ter e o poder que regem muitas vezes as relações humanas não se aplicam a Deus e Ele não exclui de sua salvação as pessoas que os homens têm sempre a tendência de excluir ou ignorar (GOUGUES 2005, p. 164).

Diante disso, a nova situação revela que Deus não está alheio à situação de sofrimento pela qual passam os mais fracos neste mundo. A promessa de consolação é verdadeira e não deve ocorrer somente depois da morte. Já aqui, é vontade de Deus a plenitude da vida para todos. Para isso, é preciso a conversão da humanidade para acolher a vontade de Deus. Neste caso, porém, não podemos pensar que a condição de sofrimento do rico seja resultado de um castigo divino, mas é tão somente consequência de suas escolhas durante a vida. Todo tempo ele estava distante de Deus e do próximo, e agora toma consciência disso.

Mas qual seria mesmo o pecado do rico nessa situação? Que mensagem Jesus quer deixar clara na parábola? Pelo que podemos perceber dos fatos apresentados no relato, o pecado do rico não consiste na riqueza em si, mas no uso despreocupado dela, sem se aproximar de Lázaro. Quando a riqueza consiste em "desfrutar a abundância de maneira excludente", ela não promove a pessoa, mas a desumaniza, porque a vai tornando indiferente e insolidária à miséria alheia (PAGOLA, 2012, p. 274).

A última parte da parábola nos traz uma mensagem central: a Palavra de

Deus deve ser escutada e acolhida, a fim de que por Ela venha a conversão. Tanto o Povo de Israel deveria observar a Moisés e aos Profetas, quanto o Novo povo de Deus precisa acreditar no Evangelho de Jesus Cristo e fazer de sua vida testemunho do amor de Deus. E esse testemunho passa indubitavelmente pelo cuidado com os mais pobres e sofridos da sociedade. Tendo em vista que a situação de muitos pobres como Lázaro é causada pelo sistema de injustiça e exclusão, é preciso uma ação de transformação da realidade à luz dos ensinamentos do Reino de Deus.

Conclusão

A partir do estudo da Parábola do pobre Lázaro e do rico numa perspectiva social, intui-se que é preciso questionar a realidade de injustiça e desigualdade social. Ao rico da parábola é dirigido um forte apelo de conversão a fim de que rompa com seu egoísmo e indiferença. O mesmo apelo é feito a todos que dispondo de tanto, não se abrem à partilha em favor dos mais pobres.

Além disso, é vontade do próprio Deus que seus filhos e filhas tenham dignidade de vida. Ele não abandona os tantos "Lázaros" que estão a mendigar, esperando ao menos as migalhas que caem das mesas dos ricos. Se a humanidade ainda exclui e marginaliza, Deus não deixa ninguém de fora de sua salvação.

Essa mensagem de justiça social é deveras pertinente hoje. Tanto para a comunidade a qual se destinou de princípio a parábola, quanto para todas as comunidades de hoje, se faz necessário romper com a indiferença, reconhecer todos os pobres que como Lázaro estão a mendigar vida digna numa sociedade ainda tão maculada pelas desigualdades sociais e injustiças.

Referências

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2012.

BOVON, François. **El Evangelio Según San Lucas III:** (Lc 15, 1 – 19,27). Salamanca: Edicioes Sígueme, 2004.

COLAVECCHIO Ronaldo L. **Jesus e a comunidade do reino no evangelho de São Lucas -** O vendaval da misericórdia na vida dos discípulos e do mundo. São Paulo: Loyola, 2013.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos II.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

GÓMEZ ACEBO, Isabel. **Lucas.** Espanha: Editorial Verbo Divino, 2008.

GOURGUES, Michel. **As Parábolas de Lucas:** do contexto às ressonâncias. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus:** Lucas. Petrópolis: Vozes, 2012.